

O CÓNEGO JANUÁRIO E A LITERATURA BRASILEIRA: A PROPOSTA DO
PARNAZO

FRANCISCO TOPA*

RESUMO

Depois de uma breve apresentação da figura e da obra do Cónego Januário da Cunha Barbosa (1780-1846), o artigo aborda a pioneira coletânea *Parnazo Brasileiro, ou Collecção das melhores poezias dos poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas* (1829-1832), discutindo o conceito de literatura brasileira que lhe está subjacente.

PALAVRAS-CHAVE: Januário da Cunha Barbosa, Parnazo brasileiro, História literária.

Apesar de esquecida nas últimas décadas, a figura do Cónego Januário da Cunha Barbosa (1780-1846) é bem conhecida. Tendo assumido um certo relevo na carreira eclesiástica – foi nomeado, em 1808, cónego da Capela Real (mais tarde Imperial), tornando-se pregador régio e vendo publicada uma série de sermões e orações fúnebres da sua autoria –, Barbosa rapidamente se afirmaria como uma das figuras do Brasil independente. Primeiro como fundador, em 1821, com Joaquim Gonçalves Ledo, do jornal *Revérbero Constitucional*, depois como deputado na primeira Assembleia Legislativa do Brasil (entre 1826 e 1829), diretor da Tipografia Nacional, fundador e secretário perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, bibliotecário da Biblioteca Pública da Corte e professor de Filosofia Racional e Moral. Nestas diversas funções, acompanhou, como tem sido observado, o processo de criação e consolidação do estado nacional, ajudando a formar uma memória que sugerisse uma tradição

* Professor Associado com Agregação do Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos na Universidade do Porto, Portugal. Faz parte do Centro de Estudos Transdisciplinares Cultura, Espaço e Memória. E-mail: francitopa@gmail.com.

de civilização e de progresso e permitisse a integração do Brasil entre as nações consideradas civilizadas.

Além disso e de ter colaborado em diversos jornais e revistas, Januário da Cunha Barbosa foi também um criador literário, embora segundo a crítica moderna, que pouco o deve ter lido, até pela dificuldade de acesso aos textos de escassos méritos. Publicou, em 1822, em Londres, *O Nicteroy: Metamorphose do Rio de Janeiro*, de fundo mitológico e indianista; em 1834, no Rio de Janeiro, a comédia política em três atos *A Rusga da Praia Grandeou o Quixotismo do General das Massas*; e, em 1837, também no Rio, o poema heróico-cômico *Os Garimpeiros*, saído sem nome de autor. Num outro plano, o Cónego Januário destaca-se por ter dado ao prelo o *Parnazo Brasileiro*, primeira de várias publicações do gênero que surgirão nas décadas seguintes, marcada assim por um traço fundador, de resto reivindicado no texto prologal.

Obra mais referida que consultada e lida – circunstância que também se deve à sua raridade¹ –, o *Parnazo* de Cunha Barbosa tem sido alvo de apreciações contraditórias: ao mesmo tempo que se reconhece o esforço e o pioneirismo do autor, aponta-se a falta de método, de critério e até de ordem, a par de erros na atribuição autoral, na fixação dos textos ou nas informações sobre os autores. Há no entanto uma série de outros aspetos que têm sido negligenciados ou apontados só de passagem.

O primeiro tem a ver com o nacionalismo que ele reflete e que está patenteado antes, na oportunidade da publicação: lançando o primeiro caderno em 1829, o Cónego estava, como já tem sido observado, a responder a Garrett, que três anos antes iniciara a publicação em seis volumes (cuja saída só terminará em 1834, dois anos depois de Januário) do *Parnaso Lusitano, ou Poesias selectas dos autores portuguezes antigos e modernos, illustradas com notas*. Note-se que o título de Januário decalca, com pequenas transformações, o de Garrett: *Parnaso Lusitano / Parnazo Brasileiro; ou Poesias Selectas / ou Collecção das melhores poezias; dos auctores portuguezes antigos e modernos / das melhores poezias dos poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas*. Evitando, como Garrett, a repetição do gentílico (*Lusitano, portuguezes*), o Cónego recorre à figura etimológica (*Brasileiro*,

do Brasil), do mesmo modo que contrapõe à copulativa do autor de *Frei Luís de Sousa* (*antigos e modernos*) uma locução (*tanto ineditas, como ja impressas*) que aponta para um propósito mais nitidamente explicitado nos prefácios: a importância da publicidade. A justificação é dupla: interna e externa. Por um lado, importa

[...] tornar ainda mais conhecido no mundo Litterario o Genio daquelles Brasileiros, que, ou podem servir de modellos, ou de estímulo á nossa briosa mocidade, que já começa á trilhar a estrada das Bellas Lettras, quasi abandonada nos ultimos vinte anos dos nossos acontecimentos Politicos (BARBOSA, 1829-1832, 1º caderno, s/p).

Por outro,

A Nação Brasileira, que nestes derradeiros tempos se tem feito conhecer, e devidamente apreciar no meio do Mundo civilizado por seus nobres sentimentos patrióticos, com os quaes soube vindicar a sua Independencia e Liberdade, depois de mais de trezentos annos de oppressiva tutela; carecia ainda de fazer patente ao Mundo illustrado o quanto ella tem sido bafejada, e favorecida das Musas, particularmente daquellas que, empregando a linguagem das paixões e da imaginação animada, offerecem á admiração das eras exactos modelos do mais delicado engenho, e apurado gosto (BARBOSA, 1829-1832, Introdução, s/p).

Um outro aspeto em que é visível a faceta de réplica a Garrett está nos próprios autores antologiadados: dos seis brasileiros mencionados pelo autor das *Viagens* no seu *Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa*, cinco são também selecionados por Januário – Cláudio, Santa Rita Durão, Gonzaga, Basílio da Gama e António Pereira de Sousa Caldas. De fora fica apenas António José da Silva, eventualmente por causa do gênero dos seus textos. Se considerarmos o conjunto dos seis volumes do *Parnaso Lusitano*, veremos contudo que há mais dois brasileiros, um acolhido por Cunha Barbosa (José Bonifácio de Andrada, o Patriarca) e outro não (Francisco de Melo Franco, de quem Garrett publica, embora sem nome de autor, o Prólogo de *O Reino da Estupidez*).

Um segundo traço da orientação nacionalista deste primeiro *Parnazo Brasileiro* pode ser observado na atribuição ao colonizador do estado de (sub)desenvolvimento do novo país, designadamente ao nível

da educação e da cultura. Para além de uma passagem da Introdução atrás citada, são os comentários incluídos nas notas biográficas sobre alguns poetas que patenteiam essa crítica. Falando de Cláudio Manuel da Costa, escreve o Cónego Januário:

Encontrão-se em seus Manuscritos citações de *Voltaire*, *Rousseau*, e outros Autores, apenas no Brasil conhecidos naquelle tempo pellos seus nomes, e sempre perseguidos pelos que nem ao menos delles haviam lido huma só linha; tal era o prejuízo que então reinava! (BARBOSA, 1829-1832, 7º caderno, p. 29).

Um pouco mais à frente, acrescenta:

Claudio Manoel foi talvez o primeiro Brasileiro, que em Minas leu, e citou doutrinas de *A. Smith* bebidas na sua obra *sobre a Riqueza das Nações*; e esta circumstancia não he de pequena monta em época de tanta obscuridade, e perigosa, pela novidade dos conhecimentos, que não se querião propagados no Brasil (BARBOSA, 1829-1832, 7º caderno, p. 29-30).

Paralelamente, o que não deixa de constituir uma nota inesperada, há críticas também à menorização das mulheres e à discriminação com base na cor da pele. O primeiro tópico surge na Advertencia, que antecede os poemas da gaúcha Delfina Benigna da Cunha:

Se por hora não apparecem em maior numero Escriptoras dignas da publica attenção, deve isso attribuir-se á huma educação acanhada, que no Brasil reduzia huma Senhora á curta esphera do manejo domestico, como se as Bellas Letras fossem vedadas ao seu sexo (BARBOSA, 1829-1832, 4º caderno, p. 25).

A crítica à discriminação racial surge a propósito de Silva Alvarenga e de Caldas Barbosa. Sobre o primeiro, de quem foi aluno, diz o Cónego que “Apesar do prejuizo, que dominava a Corte Portugueza sobre o accidente da cor parda, *Silva Alvarenga* era convidado ás mais brilhantes sociedades [...]” (BARBOSA, 1829-1832, 6º caderno, p. 29). Quanto ao autor da *Viola de Lereno*, escreve Januário que

conhecendo que não progrediria na carreira Militar, apesar dos seus bons creditos litterarios, por que o accidente da sua cor era então hum embaraço ainda mais forte, do que o haver nascido fora de Portugal, deu baixa, e passou-se á Europa (BARBOSA, 1829-1932, 8º caderno, p. 17).

A crítica à discriminação da colônia contra os naturais do Brasil já tinha aparecido antes, na nota biográfica sobre Alexandre de Gusmão, afirma Barbosa que a sua não promoção na carreira não pode deixar de se “attribuir á outro motivo, que não seja o haver *nascido no Brasil*” (BARBOSA, 1829-1832, 6º caderno, p. 44).

Outro traço, mais difuso da orientação nacionalista do *Parnazo Brasileiro*, tem que ver com a escolha dos autores incluídos, com o seu posicionamento e com as considerações que são feitas sobre alguns deles. Note-se, em primeiro lugar, o destaque concedido a Alvarenga Peixoto: abre o 1º caderno (o único que não pôde contar – e depender – com a colaboração do público, aí convidado a participar na tarefa de resgate dos autores nacionais), com um total de onze poemas apresentados consecutivamente (há um outro mais adiante e há outros nos restantes cadernos). Inácio José não foi incluído por Garrett no seu *Parnaso Lusitano* e, mesmo depois da edição da sua obra organizada por Joaquim Norberto de Sousa Silva em 1865, não chegou propriamente a entrar no cânone da literatura brasileira da época colonial. É certo que quase todos os seus textos estavam inéditos, oferecendo assim a oportunidade de concretizar um dos objetivos de Januário: trazer ao conhecimento público “[...] as muito bem acabadas produções dos seos melhores Engenhos [que] jazião nas trevas do esquecimento, já por existirem ineditas em mãos avaras ou incuriosas, já por haverem sido dadas á estampa confusa, e destacadamente em collecções, á que nem sempre presidio o bom gosto [...]” (BARBOSA, caderno 1º, Introdução, s/p). A par desse motivo, terá havido também razões políticas e estéticas. Por um lado, como se sabe, Alvarenga Peixoto foi um dos réus da Inconfidência Mineira, vindo a morrer no degredo, em Angola. Na nota biográfica que lhe dedica no 7º caderno, escreve Januário o seguinte:

Elles [Alvarenga Peixoto e outros mineiros ilustres] por suas brilhantes qualidades parecião dar sombra á espiritos apoucados, que prontos tomarão baixa vingança por desavenças particulares, convertidas mui de proposito em offensas publicas, ou crimes de *lesa Magestade de primeira cabeça* (BARBOSA, 1829-1832, 7º caderno, p. 5).

Não deixa de ser um tanto estranha esta leitura do episódio histórico, que aliás se mantém nas notas consagradas a outros inconfidentes. É o caso de Cláudio Manuel da Costa: “O ressentimento de algumas pessoas, á quem ou ferira com as suas satiras, ou assombrára com o merito das suas luzes, não se esqueceo de o involver na mesma horrorosa intriga, de que foi victima *Alvarenga Peixoto* [...]” (BARBOSA, 1829-1832, 7º caderno, p. 30). É o caso também de Gonzaga: “[...] a intriga interpretou esta sua demora como cumplicidade na sonhada conspiração, em que soube implicar *Alvarenga Peixoto*, e *Claudio Manoel* [...]” (BARBOSA, 1829-1832, 8º caderno, p. 32). Idêntica leitura é aliás apresentada para a Inconfidência Carioca, relativa à Sociedade Literária dirigida por Silva Alvarenga:

O despotismo Colonial folgou de achar na estúpida denuncia de hum malvado Rabula, que o odio fradesco iniciára na mais vil intriga, hum pretexto para aferrolhar para mais de dous annos, e com inaudita barbaridade, não só o nosso Poeta *Silva Alvarenga*, como tambem outros muitos socios da Academia Litteraria do Rio de Janeiro, que na *Franciscana* se appellidava satyricamente *Club de Jacobinos* (BARBOSA, 1829-1832, 6º caderno, p. 30).

Para além do motivo político no destaque atribuído a Alvarenga Peixoto, haverá certamente razões de tipo estético, mais evidentes no primeiro poema, a Cantata ao Pão de Açúcar. É que, embora termine com a proclamação de vassalagem do índio à rainha D. Maria e às autoridades coloniais, inclui dois elementos que, a par da naturalidade do autor, parecerem ter alguma importância no conceito de literatura brasileira de Cunha Barbosa: a cor local e o indianismo, mais claramente assumidos depois pela geração romântica. No poema de Alvarenga, a paisagem resume-se a um breve apontamento, logo substituído pela figura do índio:

Eu vi o Pão de Assucar levantar-se
E no meio das ondas transformar-se
Na figura de hum Indio o mais gentil,
Representando só todo o Brasil.
(BARBOSA, 1829-1832, 1º caderno, p. 5, v. 3-6)

A descrição do indígena enfatiza a sua bravura, nobreza e elevação, sublinhando também a riqueza do território:

Pendente ao tiracol de branco arminho
Concavo dente de animal marinho
As preciosas armas lhe guardava;
Era thesoiro e juntamente aljava.
De pontas de diamante erão as settas,
As asteas d'oiro, mas as pennas prettas;
Que o Indio valeroso altivo e forte
Não manda setta, em que não mande a morte.
Zona de pennas de vistosas cores
Guarnecida de barbaros lavores,
De folhetas e perolas pendentes,
Finos chrystais, topazios transparentes,
Em recamadas pelles de Sahiras
Rubins, e diamantes, e Saphiras,
Em campo de Esmeralda escurecia
A linda Estrela, que nos traz o dia.
No cocar... oh que assombro! oh que riqueza!
Vi tudo quanto póde a natureza.
No peito em grandes lettras de diamante
O nome da Augustíssima Imperante.
De inteiriço coral novo instrumento
As mãos lhe occupa, em quanto ao doce accento
Das saudosas palhetas, que afinava,
Píndaro Americano assim cantava.
(BARBOSA, 1829-1832, 1º caderno, p. 5, v. 7-30)

De facto, e este é um outro aspeto que não tem sido referido, o *Parnazo Brasileiro* contém uma proposta de literatura brasileira razoavelmente coerente e estruturada, a qual, embora não sendo objeto de explicação nos textos prologais, se infere dos autores e textos coligidos: considerando como brasileiros os autores nascidos no Brasil, independentemente de uma vivência mais ou menos prolongada no território ou da orientação estético-ideológica das suas obras, Januário da Cunha Barbosa valoriza o período árcade como momento áureo da atividade literária no Brasil – na esteira, aliás, de Almeida Garrett –,

mas recua, avança e alarga a linha, incluindo um poeta barroco como Gregório de Matos, poetas contemporâneos como Francisco Vilela Barbosa ou José Elói Ottoni, e poetas à margem de um possível sistema, como as duas senhoras (Delfina Benigna da Cruz² e Beatriz Francisca de Assis Brandão³) e o poeta sapateiro Joaquim José da Silva⁴. Note-se ainda que o alargamento não contempla apenas as margens institucionais, mas tem também uma dimensão geográfica: ao lado de Minas Gerais (representada por Gregório, pela chamada plêiade mineira e por vários outros autores menores) e do Rio de Janeiro (Domingos Vidal Barbosa Laje, Francisco Vilela Barbosa ou António José de Araújo), são incluídos poetas nascidos em São Paulo (José Bonifácio), Santos (Alexandre de Gusmão), Goiás (Bartolomeu António Cordovil, nome literário de António Lopes da Cruz), Pernambuco (Francisco de Sales e José Gomes da Costa Guedelha) e São José do Norte, RS (Delfina Benigna da Cruz).

Perante o resultado final, certamente não será fácil encontrar quem concorde com o Cónego na passagem da Introdução em que diz que o Brasil goza

[...] a dita de ter visto nascer no seo Solo Poetas Illustres, que os mais bellos tempos da Grecia e do Lacio se não dedignarião de contar por seos Poetas, aos quaes exactamente compete o *mens diviniór, adque os magna sonaturum* do grande Lyrico Romano [...] (s/p).

Vale contudo a intenção de filiar a literatura brasileira numa tradição clássica que a citação do Horácio dos *Sermonum* (1.4, vv. 43-4) mostra ser familiar, numa continuidade vertical que se há de perpetuar sob o tradicional princípio da imitação:

E quem não vê, que o conhecimento do patrimonio opulento, deixado como herança á mocidade futura por seos tão gloriosos antepassados, deverá necessariamente despertar de novo as sementes do bom e apurado gosto na geração presente, e na que está para vir? (BARBOSA, 1829-1832, 1º cader-
no, Introdução, s/p).

Com as vantagens e inconvenientes do voluntarismo que marca as obras pioneiras, o *Parnazo* de Cunha Barbosa tentou contribuir para

a preservação e consolidação de um patrimônio coletivo que apoiasse o projeto de construção da identidade brasileira. Como escreveu José Américo Miranda (1999, p. 19), a obra

[...] é mencionada em todas as histórias literárias importantes, é fonte de consulta obrigatória para os pesquisadores das obras de todos os poetas que nela encontraram divulgação, mas nunca foi, ela própria, examinada em sua dimensão de monumento, em seu significado, em suas intenções, e no que alcançou realizar em favor de uma cultura cuja organização estava toda por fazer. Da circunstância de sua realização podemos depreender o seu caráter de obra fundadora e que, com toda a precariedade tipográfica e com todas as dificuldades de pesquisa próprias daquele tempo, ainda é capaz de nos falar vivamente ao pensamento.

A uma distância já considerável dessas palavras, e apesar do trabalho de Janaina Guimarães Senna (2006), a tarefa continua por cumprir. O que aqui fica é para já uma pequena achega.

THE CANON JANUÁRIO AND THE BRAZILIAN LITERATURE: *PARNAZO*'S PROPOSAL

ABSTRACT

After a brief presentation of the figure and the work of the Canon Januário da Cunha Barbosa (1780-1846), the paper approaches the pioneering collection *Parnazo Brasileiro, ou Collecção das melhores poezias dos poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas* (1829-1832), discussing the concept of Brazilian literature that underlies it.

KEYWORDS: Januário da Cunha Barbosa, *Parnazo Brasileiro*, Literary story.

EL CANON JANUÁRIO Y LA LITERATURA BRASILEÑA: LA PROPUESTA DE *PARNAZO*

RESUMEN

Después de una breve presentación de la figura y de la obra de Januário da Cunha Barbosa (1780-1846), el artículo discute la colección pionera *Parnazo Brasileiro ou a Collecção das melhores poezias dos poetas do Brasil, tanto*

ineditas, como ja impressas (1829-1832), planteando el concepto de literatura brasileira que permanece subyacente.

PALABRAS CLAVE: Januário da Cunha Barbosa, *Parnazo Brasileiro*, Historia de la literatura.

NOTAS

- 1 O único exemplar completo parece ser o da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.
- 2 A sua obra tem tido várias edições, a mais recente das quais é *Poesias*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2001.
- 3 Objeto do estudo de PEREIRA, Cláudia Gomes. *Beatriz Brandão: mulher e escritora no Brasil do século XIX*. São Paulo: Scortecci, 2005. A mesma estudiosa publicou mais recentemente uma edição da poetisa mineira: *Contestado fruto: a poesia esquecida de Beatriz Brandão (1779-1868)*. Lisboa: CLEPUL, 2011.
- 4 Cuja obra veio a ter uma edição moderna: *O sapateiro Silva*. Estudos de Flora Sússekind e Rachel Teixeira Valença. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Januário da Cunha. *Parnazo Brasileiro, ou Collecção das melhores poezias dos poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Nacional, 1829-1832.

CRUZ, Delfina Benigna da. *Poesias*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2001.

FERRETTI, Danilo José Zioni. Entre profecias e diagnósticos: Januário da Cunha Barbosa, a escravidão e o futuro da nação (1830-1836). *Tempo*. Niterói, n. 20, 2014.

GARRETT, Almeida. *Parnaso Lusitano, ou Poesias selectas dos autores portuguezes antigos e modernos, illustradas com notas*. Paris: J. P. Aillaud, 1826-1834. 6 volumes.

IPANEMA, Cybelle; IPANEMA, Marcelo. Januário da Cunha Barbosa: para não esquecer. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v.158, n. 394, jan./mar. 1997.

MIRANDA, José Américo (Org.). *Parnaso Brasileiro, ou Coleção das melhores poesias dos poetas do Brasil, tanto inéditas, como já impressas: prefácios e índices*. Organização, edição, notas e apresentação por José Américo Miranda. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1999.

PEREIRA, Cláudia Gomes. *Beatriz Brandão: mulher e escritora no Brasil do século XIX*. São Paulo: Scortecci, 2005.

_____. *Contestado fruto: a poesia esquecida de Beatriz Brandão (1779-1868)*. Lisboa: CLEPUL, 2011.

SENNA, Janaína Guimarães de. *Flores de antanho: as antologias oitocentistas e a construção do passado literário*. 2006. 209 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, Joaquim José da. *O sapateiro Silva*. Estudos de Flora Süssekind e Rachel Teixeira Valença. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983.

ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. *O berço do cânone: textos fundadores da história da literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

Submetido em 15 de novembro de 2016.

Aceito em 09 de janeiro de 2017.

Publicado em 12 junho de 2017.
